

O Sol, a Lua, as Estrelas

Não sou má pessoa. Eu sei que isto soa defensivo, pouco escrupuloso, mas é verdade. Sou como toda a gente: fraco, cheio de falhas, mas basicamente bom. A Magdalena, porém, não tem a mesma opinião. Acha que eu sou um dominicano típico: um sucio, um cabrão. É assim, há uns bons meses, quando estava ainda com a Magda e vivia quase sem preocupações nenhuma, enganei-a com uma miúda que tinha um penteado anos oitenta e uma tonelada de cabelo. Pior, não contei à Magda. Vocês sabem como estas coisas são. Um esqueleto malcheiroso como esse, mais vale enterrá-lo no quintal da nossa vida e pronto. Ela só descobriu porque a tipa lhe escreveu uma puta duma *carta*. Uma carta cheia de *pormenores*. Com merdas que uma pessoa não conta sequer aos amigos numa noite de copos.

A questão é que aquela parvoíce já tinha acabado há meses. As coisas com a Magda estavam a compor-se. Já não estávamos tão distantes como no Inverno, quando eu ainda a traía com a outra. O gelo estava a derreter. Ela vinha a minha casa, e em vez de sairmos com os broncos dos meus amigos — comigo a fumar e ela a aborrecer-se de morte — ficávamos a ver filmes. Metíamos-nos no carro e íamos comer a sítios diferentes. Até chegámos a ir ver uma peça de teatro a Crossroads, e eu tirei-lhe uma foto com uns dramaturgos negros guedelhudos, e ela ficou a rir-se de tal maneira, na foto, que parece que vai desencaixar as mandíbulas. Éramos novamente um casal. Visitávamos a família, a minha e a dela, aos fins-de-semana. Tomávamos o pequeno-almoço em cafés horas antes de as outras pessoas se terem

levantado, esquadrihávamos juntos a biblioteca de New Brunswick, aquela que o Carnegie construiu com o seu dinheiro sujo. Tínhamos entrado numa boa onda. E foi então que a Carta explodiu como uma granada do *Caminho das Estrelas* e rebentou com tudo, passado, presente, futuro. De um momento para o outro, a família dela queria matar-me. E pouco adiantava que eu os tivesse ajudar a preencher o IRS durante dois anos, ou que lhes tivesse cortado a relva do jardim. O pai dela, que costumava tratar-me como seu filho, telefonou-me a dizer que eu era um cabrão, e parecia que se estava a estrangular com o fio do telefone. Nem mereces que fale contigo em espanhol, disse ele. Eu vejo uma das amigas da Magda no centro comercial de Woodbridge — Claribel, uma equatoriana formada em Biologia e com olhos de chinoca — e ela trata-me como se eu tivesse comido o filho preferido de sei lá quem.

Nem queiram saber como foi com a Magda. Foi como um choque de cinco comboios. Atirou-me à cara a carta da Cassandra — mas falhou e a carta aterrou em cima dum *Volvo* — depois sentou-se no passeio e começou a hiperventilar. Ai, meu Deus, queixou-se. Ai, meu Deus.

Os meus compinchas dizem que nestas alturas a solução é Negar Completamente. Cassandra *quê?* Mas eu nem tentei, sentia-me demasiado mal para isso. Alapei-me ao pé dela, prendi-lhe os braços e disse uma tolice qualquer. Do tipo Magda, tens de me ouvir. Se queres compreender.

Deixem-me falar-vos da Magda. Ela é uma miúda típica da Bergenline: baixinha, boca grande, ancas largas e uma cabeleira escura e enorme, onde uma pessoa pode facilmente perder uma das mãos. O pai dela é padeiro, a mãe vende roupa de criança porta a porta. Pode ser uma pendeja de nada, mas tem uma alma caridosa. Católica. Arrastava-me todos os domingos para uma missa em espanhol, e quando alguém da família adoecia, sobretudo os de Cuba, a Magda escrevia a umas freiras da Pensilvânia a pedir-lhes que rezassem por eles. É uma daquelas marronas que todos os bibliotecários da cidade conhecem, uma professora que os alunos adoram. Sempre a recortar-me merdas dos jornais, merdas dominicanas. A gente vê-se,

sei lá, uma vez por semana, e ela ainda me manda por correio uns bilhetinhos muito pirosos: Para que não te esqueces de mim. É impossível imaginar alguém pior do que a Magda para umas quecas.

Bem, mas não vos vou chatear com o relato do que aconteceu quando ela descobriu. As súplicas, o caminhar por cima de vidro moído, os choros. Só vos digo que foram duas semanas disto. Eu ia a casa dela, mandava-lhe cartas, telefonava-lhe a todas as horas da noite, e aos poucos lá consegui endireitar as coisas. O que não quer dizer que tenha voltado a almoçar em casa dos seus pais, ou que as amigas dela andassem por aí a celebrar. Aquelas cabronas eram do tipo: No, jamás, nunca. Mesmo a Magda, no início, não estava lá muito entusiasmada com a reconciliação, mas eu tinha a meu favor o peso do passado. Quando ela me perguntou: Porque é que não me deixas em paz? Eu disse-lhe a verdade: Porque te amo, Mami. Eu sei que isto parece tanga, mas é verdade: a Magda é o meu coração. Eu não queria que ela me deixasse; não queria pôr-me a procurar outra só porque tinha metido uma vez a pata na poça.

Mas não pensem que foi canja, porque não foi. A Magda é teimosa; já quando começámos a namorar, ela disse que só dormia comigo quando andássemos juntos há pelo menos um mês, e cumpriu a promessa, por muito que eu tentasse baixar-lhe as cuecas. Também é muito susceptível. Agarra-se à dor como uma trepadeira a uma parede. Não imaginam quantas vezes ela me perguntou (sobretudo depois do sexo), se eu lhe ia contar algum dia. Isto e, Porquê? eram as suas perguntas preferidas. As minhas respostas preferidas eram claro que ia e Foi um erro estúpido. Não pensei.

Quando tínhamos alguma conversa sobre a outra — normalmente no escuro, quando não nos podíamos ver, ela perguntava-se se eu tinha estado apaixonado pela Cassandra e eu dizia-lhe: Não. Ainda pensas nela? Nunca. Gostaste de foder com ela? Para ser sincero, querida, era uma merda. Nesta última é difícil acreditar, mas uma pessoa tem de dizer estas coisas, por muito estúpido e inverosímil que soe. Tem de ser.

E durante uns tempos, depois de reatarmos, tudo correu tão bem quanto possível.

Mas não durou muito. Aos poucos, de uma forma quase imperceptível, a minha Magda começou a transformar-se noutra Magda.

Já não queria passar a noite em minha casa tantas vezes como antes, ou dar-me uma ajuda quando eu lha pedia. É incrível as coisas em que uma pessoa repara. Por exemplo, antigamente ela nunca me dizia para ligar depois quando estava ao telefone com alguém. Eu tinha sempre prioridade. De repente, isso acabou. De maneira que eu, claro, deitei as culpas para as amigas dela, que eu sei que continuavam a dizer-lhe mal de mim.

Mas não era só ela que tinha conselheiros. Os meus amigos diziam: Ela que se foda, não sofras mais por essa puta. Mas eu não conseguia tirá-la da cabeça, por muito que tentasse. Estava mesmo apanhado pela Magda. Tentei dedicar-lhe mais tempo, mas parece que nada funcionava. Sempre que íamos ao cinema, sempre que dávamos um passeio à noite ou que ela dormia em minha casa, parecia confirmar à Magda que havia alguma coisa de errado comigo. Eu sentia-me como se estivesse a morrer aos poucos, mas quando lhe falei no assunto ela disse que eu estava a ser paranóico.

Um mês mais tarde, mais ou menos, a Magda começou a fazer o tipo de coisas que teriam alarmado um mano paranóico. Corta o cabelo, compra uma maquilhagem melhor, exhibe roupas novas, vai para a discoteca com as amigas sexta-feira à noite. Quando lhe pergunto se podemos descontrair um pouco, já não tenho a certeza que a resposta seja sim. Muitas das vezes, arma-se em Bartleby, Não, prefiro não. Eu pergunto-lhe que raio significa isto e ela responde: É o que eu estou a tentar perceber.

Eu sei o que é que ela estava a fazer. Estava a fazer-me ver quão precária era a minha posição na sua vida. Como se eu não soubesse.

Então, chegou Junho. Grandes nuvens brancas paradas no céu, gente a lavar carros com mangueiras, música na rua. Toda a gente a preparar-se para o Verão, incluindo nós os dois. No início do ano tínhamos planeado uma viagem a Santo Domingo, um presente de aniversário, e tínhamos de decidir se íamos ou não. A dúvida pairava no ar havia algum tempo, mas eu pensei que a coisa acabaria por se resolver. Quando vi que não, mostrei-lhe os bilhetes e perguntei: Que te parece?

Parece-me um compromisso demasiado pesado.

Podia ser pior. Que diabo, são apenas umas férias.

Eu vejo-o como uma forma de pressão.

Não precisa de ser uma forma de pressão.

Não sei porque é que fiquei obcecado com aquilo. Pus-me a falar-lhe do assunto todos os dias, tentando que ela se comprometesse. Se calhar começava a ficar cansado daquela situação. Queria que acontecesse alguma coisa, alguma mudança. Ou talvez tenha metido na cabeça que se ela dissesse: Sim, vamos, as coisas voltariam a funcionar. Se ela dissesse que não, pelo menos ficava a saber que estava tudo acabado.

As amigas dela, umas falhadas e umas ressentidas, aconselham-na a fazer a viagem e depois nunca mais me dirigir a palavra. Ela, claro, contou-me esta merda, porque nunca conseguia evitar contar-me tudo o que pensava. E que achas desse conselho?, perguntei-lhe eu.

Ela encolheu os ombros. É uma ideia.

Os meus amigos diziam: O que parece é que andas a gastar um montão de pasta numa parvoíce, mas eu achava que iria ser bom para nós os dois. O que os meus amigos não sabem é que eu, bem lá no fundo, sou um optimista. Pensei: Eu e ela na ilha. Há alguma coisa que isto não cure?

Deixem-me confessar-vos uma coisa: eu adoro Santo Domingo. Gosto de chegar a casa e ver os tipos de *blazer* a tentarem pôr-me copos de *Brugal* na mão. Gosto da aterragem, com toda a gente a aplaudir quando as rodas beijam a pista. Gosto da ideia de ser o único mano a bordo sem ligações a Cuba ou com uma panqueca de maquilhagem colada à cara. Gosto da mulher de cabelo ruivo que vai ao encontro da filha que já não vê há onze anos. Dos presentes que ela leva sobre os joelhos, como se levasse ali os ossos de um santo. Mi hija já tem tetas, sussurra ela para a vizinha do lado. Da última vez que a vi, ainda mal sabia falar. Agora já está uma mulher. Imagínate. Gosto dos embrulhos que a minha mãe faz, merdas para os parentes e qualquer coisa para a Magda, uma prenda. Tu dás-lhe isto, aconteça o que acontecer, ouviste?

Se isto fosse outro tipo de história, eu falava-vos do mar. Do aspecto que tem depois de ter sido atirado para o céu através dum espiráculo. Quando o vejo com aquela aparência de prata rasgada, no